

DO SABER AO FAZER:

**POSSIBILIDADES E LIMITES
NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

ORGANIZADORES

VINICIUS MARTINS FLORES

JACQUELINE LIDIANE DE SOUZA PRAIS

CREMILTON DE SOUZA SANTANA

ARCO
EDITORES ● ● ●



ARCO
EDITORES

**DO SABER AO FAZER:
POSSIBILIDADES E LIMITES NA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

**Vinicius Martins Flores
Jacqueline Lidiane de Souza Prais
Cremilton de Souza Santana
[Organizadores]**

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Do saber ao fazer [livro eletrônico] : possibilidades e limites na educação inclusiva / Vinicius Martins Flores, Jacqueline Lidiane de Souza Prais, Cremilton de Souza Santana. -- 1. ed. -- Santa Maria, RS : Arco Editores, 2021.
PDF

ISBN 978-65-994894-3-3

1. Educação 2. Educação especial 3. Inclusão social I. Flores, Vinicius Martins. II. Prais, Jacqueline Lidiane de Souza. III. Santana, Cremilton de Souza.

21-66179

CDD-371.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação especial inclusiva 371.9

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

10.48209/978-65-994894-3-3

1ª Edição - Copyright© 2021 do/as autores/as.

10.48209/978-05-SABER4-3-3

LITERATURA SURDA: UM ESTUDO INICIAL SOBRE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA ESCRITA PARA SURDOS

Ivana Nilza Pigozzo de Oliveira⁸
Vinicius Martins Flores⁹

8 Especialização em Atendimento Educacional Especializado – AEE (UERGS); Graduada em Letras: Português/ Espanhol e respectivas literaturas na Universidade Regional Integrada (URI), atua como auxiliar de turma na Escola municipal de educação infantil Rainha do Mar em Xangrilá. Contato: Ivananilza@hotmail.com

9 Doutor em Letras – Psicolinguística (UFRGS); Mestre em Letras – Linguística Aplicada (UFRGS); Especialista em Aquisição da Linguagem e Alfabetização (FEEVALE); graduado em Letras Libras – Bacharelado (UFSC) e em Pedagogia – Licenciatura (ULBRA); participa do Grupo de Pesquisa Educação e Processos Inclusivos (GPEPI) da UERGS – Litoral Norte e do Grupo de Pesquisa – Laboratório de Bilinguismo e Cognição (LABICO) da Letras/UFRGS; atua como docente do curso de Letras Bacharelado na ênfase de Tradução e Interpretação de Libras e atualmente é coordenador do curso de Letras Licenciatura e Bacharelado da UFRGS. Contato: viniciusmartinsf@gmail.com

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma realidade cada vez mais inclusiva, e a cada dia que passa, mais e mais pessoas com deficiência passam a frequentar as escolas comuns em busca do conhecimento igualitário e participarem como cidadãos ativos na sociedade em que vivem. Afinal, a legislação vigente proporciona um novo direcionamento, tanto na esfera educacional, como no âmbito social.

O Decreto 7.611/11 em seu Artigo 1, inciso primeiro, estabelece que o estado deve garantir o acesso à educação a todos sem discriminação com igualdade de oportunidades. Nessa mesma direção de direitos, a Resolução 04/2009 traz a implementação da sala de recursos, estabelecendo o Atendimento Educacional Especializado (doravante, AEE). Nesse sentido, o AEE é um espaço de atendimento complementar ou suplementar. No caso da surdez, o Decreto 7.611/11 estabelece que a educação de surdos deve ter como orientação o Decreto Lei 5.626/05, e dessa forma a sala de AEE divide-se no ensino em Libras, e no ensino do Português Brasileiro (DAMÁZIO & FERREIRA, 2010).

O presente artigo tem como objetivo principal mostrar o papel da literatura surda no processo de aquisição do vocabulário em Libras e em Português Brasileiro na modalidade escrita, tendo como objetivos específicos: (I) verificar a influência da Literatura Surda no processo de registro escrito da língua portuguesa; (II) identificar qual a relação das modalidades de registro das línguas que podem interferir no reconhecimento da palavra escrita.

Para que a pesquisa fosse aplicada, elaborou-se um instrumento que consiste em avaliar de forma psicométrica (PASQUALI, 2009) o vocabulário em Português Brasileiro escrito. Assim o trabalho se caracteriza como um estudo piloto, do tipo quase experimental com controle de variáveis linguísticas, de cunho exploratório, utilizando dados quantitativos para analisar o processo de retenção de vocabulário na modalidade escrita em Língua Portuguesa.

Oportunizando um olhar sobre a prática de ensino na sala comum e a relação do AEE na continuidade das aprendizagens, sendo os participantes discentes matriculados e com frequência regular entre o terceiro e quinto ano do ensino

fundamental, em escola que possui classe especial de surdos com AEE no turno inverso, localizado na região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Para pensar aquisição da linguagem para surdos, vamos primeiramente pensar o que é a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A diferença entre o Português Brasileiro e a Libras começa pela modalidade, sendo essa última de modalidade visuoespacial, e possui uma estrutura gramatical própria usada para a comunicação de pessoas surdas.

Segundo Ferreira Brito (1990) a Libras assim como outras línguas orais ou gestuais, é uma língua natural, ou seja, surgiu espontaneamente entre um grupo de pessoas e pode-se expressar qualquer sentido através dela. Ao contrário do Português Brasileiro, a Libras não é constituída por sons, mas sim por parâmetros fonológicos visuais. Os parâmetros são denominados como: (a) ponto de articulação ou locação: local onde o sinal é feito, pode ser no corpo ou em espaço neutro. (b) Configuração de mão: formato da mão quando produz o sinal, movimento: se o sinal tem algum tipo de movimento podendo ou não alterar seu sentido, e expressões não manuais: expressão facial, posição do corpo.

Segundo Quadros (1995) a aquisição da linguagem em bebês surdos é muito parecida com a de crianças ouvintes, eles passam pelas mesmas fases. O que diferencia é a língua, onde uma criança ouvinte vai desenvolver sua língua oral, enquanto a surda irá desenvolver-se na sua língua visuoespacial. A autora ainda destaca alguns estágios como a fase pré-linguística, onde pode-se notar o chamado balbucio de mãos, quando a criança começa a fazer alguns sinais, mas sem usar a língua convencional.

O estudo citado (QUADROS, 1995) foi realizado com crianças surdas, filhas de pais surdos, que obtiveram o ensino da Libras desde o nascimento. Pode-se perceber, por exemplo, que as primeiras combinações de sinais, para elaborar as primeiras frases com sentido, e de múltiplas combinações onde a criança expressa-se melhor com frases mais elaboradas ocorrem em mesmo período que uma criança ouvinte falante de uma língua oral- auditiva.

Muitos pais não tem o conhecimento da Libras e acabam muitas vezes utilizando sinais caseiros para se comunicar com os filhos, com isso, o seu desempenho escolar é seriamente prejudicado. O professor precisa começar a ensinar primeiro a Língua de Sinais, para depois partir para a segunda língua, no caso o Português Brasileiro e então inserir os conteúdos. Assim a escola passa a ter um papel imenso no desenvolvimento linguístico do discente surdo, assumindo uma responsabilidade além do comum. As crianças ouvintes já chegam na escola com sua primeira língua estabelecida.

Mesmo hoje a Lei de Libras estando em vigor há dezenove anos, as crianças surdas ainda chegam nas escolas desconhecendo a Libras. Mas afinal, o que é a Libras? É uma língua brasileira, reconhecida a primeira língua da comunidade surda brasileira, pela Lei Federal 10.436/02. De acordo com Felipe (1997), a Libras não é uma língua universal, cada país tem sua própria Língua de Sinais, assim como tem sua língua oral. Não são gestos aleatórios que compõem a língua, a Libras tem sua própria estrutura gramatical e, portanto, por ser uma língua, possui outras características pertinentes as línguas em geral, como por exemplo, a variação linguística.

Para Bagno (2006) na língua de modalidade oral-auditiva a variação linguística pode ocorrer conforme a posição geográfica, por gênero, por idade, por posição social e entre outros fatores. Por exemplo, podemos citar algo comum para nossos falantes gaúchos, que é uma variação regional: cacetinho - no Rio Grande do Sul, sendo que em São Paulo o mesmo pão é denominado de - pão francês.

Segundo Gesser (2009) essa variação ocorre da mesma maneira que ocorre na língua falada, e tanto os adultos surdos quanto os adolescentes surdos utilizam uma variedade linguística diferente de sinais. A autora também demonstra em seus estudos que a Libras vai sendo passada adiante, na interação entre pessoas surdas e também com as ouvintes ela vai ganhando novos “sotaques”, mesclando a outras línguas, se modificando como uma língua viva faz. Todos esses fatores relatados desde família até o espaço escolar vão influenciar na aquisição da linguagem para a criança surda.

AQUISIÇÃO DA SEGUNDA LÍNGUA

A Lei Federal 10.436/02 e o Decreto Lei 5.626/05 apresenta os direitos da criança surda, que além de ter garantia da escola bilíngue, o acesso a Língua de Sinais, também tem a sua alfabetização no Português Brasileiro na modalidade escrita. As discussões sobre a aquisição da escrita para a criança surda são amplas, um parâmetro em comum é que sem a Libras, essa alfabetização na segunda língua se torna muito deficitária.

Segundo Goldfeld (2002) uma das dificuldades encontradas para o ensino de surdos, é a tendência que alguns pais e profissionais da saúde tem em relação a oralização. Não aceitam a Libras, acreditam que a Língua de Sinais pode prejudicar o processo de desenvolvimento da criança, principalmente o fato da “normalização” dela. O que vai em desencontro com os estudos atuais, pois a Libras sim é uma língua, e a criança que tem acesso a uma língua poderá ter acesso a outras.

Na área de aquisição de escrita e leitura do Português Brasileiro, apresento a pesquisa de Stampa (2009) sobre a aquisição da escrita, que diz que no caso da criança ouvinte, a fala tem uma relação direta com a oralidade pois a criança faz relação do som aos fonemas. No caso da criança surda (BOTELHO, 2005) é necessário que haja a associação visual, ou seja, a criança surda associa o sinal ao objeto ou figura e assim a palavra por isso a importância da língua de sinais para o seu aprendizado pois sem ela o mesmo se torna precário, lento e muito defasado.

A importância do acesso a Libras o mais cedo possível para a criança surda, pode ser um diferencial para que o processo de aquisição de segunda língua ocorra de forma mais rápida pois a criança pode chegar na escola associando o sinal ao objeto, e essa associação com a palavra escrita deverá facilitar o processo de aprendizagem.

A ESCOLA E OS PROFESSORES

A escola é o lugar onde muitas crianças surdas, filhas de pais ouvintes vão ter o primeiro contato com a Libras, onde ela descobrirá seu mundo, sua língua, sua cultura. A criança surda na escola passa a ter contato com outras crianças surdas como ela,

e a partir dali ela começa a ter conhecimento da existência de uma comunidade e ter acesso a outro tipo de realidade, muitas vezes diferente da que ela vive.

De acordo com a Lei Federal 10.436/02 as instituições de ensino devem assegurar que o aluno surdo tenha acesso ao aprendizado em sua primeira língua, e ter como segunda língua o Português Brasileiro na modalidade de registro escrito. Portanto, a escola passa a ser bilíngue, o que nos mostra a importância da desconstrução da ideia da escola como espaço monolíngue, já que a surdez provoca o uso de uma outra língua e cultura.

Aquela ideia de escola “tradicional” no sentido do que vivenciamos enquanto discentes e depois como docentes, modifica-se quando recebemos um aluno surdo. Padilha (2009) também fala que tudo que sai do parâmetro esperado causa medo e dúvida, pois tira o professor e todos os profissionais envolvidos do seu comodismo da prática usual na educação. No caso do aluno surdo, a língua e cultura podem ser barreiras ou acesso a um novo mundo.

Em virtude dos fatos mencionados sobre a língua e cultura surda serem diferentes do que estamos habituados, Padilha (2009) destaca que os surdos precisam de um aprendizado diferente dos ouvintes e para isso é necessário que os professores tenham conhecimentos específicos para que o mesmo possa desenvolver todo o seu conhecimento, e no caso, também a sua língua. Em vista dos argumentos apresentados, Padilha (2009) relata que o fato dos professores assumirem alunos surdos em suas classes e terem apoio de pesquisadores e outros profissionais, não quer dizer que os alunos estejam aprendendo. As dificuldades existem e sempre existirão, por isso a tão necessária formação continuada para assumir o compromisso de educar unida a superação de desafiar o novo.

Por tudo isso, o professor tem um papel importante no aprendizado da criança surda, e para que isso ocorra de forma positiva é importante lembrar do Decreto 5.626/05 que estabelece a formação do professor de Libras, sendo essa por meio de graduação em Letras: Libras ou Letras: Libras/ Português como segunda língua. Ressalto a importância de discutir de forma mais ampla sobre a formação do pedagogo e do profissional que dará suporte ao ensino no AEE. Visto que as leis e decretos ainda não estabelecem como o professor bilíngue é formado ou constituído, apenas

apresenta a formação de professores de Libras e tradutores.

A pesquisa apresentada por Flores (2015) fala sobre a importância do professor ouvinte bilíngue na educação de surdos, pois ele vai ser o intermediador do conhecimento para que o aluno surdo tenha o seu desenvolvimento educacional. Para tanto, faz-se necessário salientar que o professor ouvinte precisa de um nível de proficiência na Libras, para que possa estabelecer uma comunicação e interação adequada ao longo do processo de aprendizado do aluno, assim não irá comprometer o ensino-aprendizagem do aluno surdo. Em face dos dados apresentados anteriormente, muitas crianças surdas possuem seu primeiro contato com a Libras na escola, responsabilizando ainda mais esse docente em ter um domínio de uso da Língua de Sinais com maior proficiência.

LITERATURA SURDA

Sabemos da importância da literatura para o desenvolvimento do intelecto da criança (CARVALHO, 1985), e portanto, com a criança surda não é diferente pois todo o estímulo que a criança recebe faz com que seu desenvolvimento emocional, intelectual e social seja bem-sucedido. Para que a criança tenha benefícios no campo da aprendizagem, há necessidade de ter contato com sua primeira língua o mais cedo possível e sua literatura, dessa forma os resultados positivos poderão ser vistos (QUADROS, 2011).

A necessidade de a criança surda ter acesso a uma literatura que represente sua própria cultura é a mesma de uma criança ouvinte ter acesso aos livros que as represente. Nesse sentido, façamos uma retomada da importância da literatura infantil (CUNHA, 1999). A mesma surge junto com a percepção de que a criança não é simplesmente a miniatura de um adulto, e sim um ser com pensamentos e cuidados totalmente diferentes. Conseqüentemente uma literatura própria para crianças surge, mesmo acreditando que nenhum autor escreve especificamente para a criança.

Para Carvalho (1985), os primeiros contos aparecem com Charles Perrault no século XV, com os denominados contos de fadas, que ao contrário das Fábulas de Esopo, não traziam nenhuma moral. Aos poucos outros autores foram surgindo, outros estilos de literatura para crianças foram se formando até chegarmos nos dias

de hoje e na literatura disponível para essa faixa etária. Uma literatura específica para sua idade faz com que a criança se desenvolva em seu próprio ritmo, com a vantagem de aprimorar o seu conhecimento, assim como auxilia no enfrentamento de obstáculos com a ajuda do personagem principal.

A autoidentificação é necessária, pois a criança precisa criar um vínculo com o personagem principal (CARVALHO, 1985), e essa identificação pode gerar uma sensação de liberdade e segurança para conseguir enfrentar as tarefas do seu dia a dia. A criança que tem contato com a literatura infantil, tem sua imaginação mais aberta, é mais criativa, tem um vocabulário maior, apresenta melhores resultados na escola assim como também consegue ter um melhor relacionamento social (CARVALHO, 1985).

É extremamente importante para o seu desenvolvimento cultural e linguístico, junto também com algo que lhe seja atrativo e condizente com o seu mundo. Através tanto do brincar quanto da leitura, ela cria um mundo próprio onde se refugia para poder assimilar quando é contrariada por um adulto fazendo que consiga entender o que está acontecendo e superar o que lhe foi negado. Mas para que tudo isso aconteça é necessário que a criança tenha acesso a esse mundo do faz de conta no início, e antes da aquisição da leitura, os pais é que devem dar esse acesso, contando histórias para a criança (CARVALHO, 1985).

A literatura surda começa a ganhar espaço recentemente, principalmente com o reconhecimento da Língua de Sinais em nosso país em 2002, inicia-se então uma ampla divulgação da mesma. Os estudos de Karnopp, Klein e Lazzarin (2011) demonstra que a literatura surda pode ser dividida em três categorias: (I) as traduções, onde a obra é simplesmente traduzida para a língua de sinais, seja ela contada ou escrita. As (II) adaptações, onde a história tem algumas alterações para que tenha mais identificação com quem está lendo, e (III) as criações, onde histórias inéditas são feitas.

O destaque fica para as obras literárias adaptadas e nas criações, pois carregam uma característica de serem voltadas para a realidade do surdo, onde geralmente o personagem é surdo e passa por diversas situações na qual a criança ou adulto se identifica. A literatura surda tem suas obras direcionadas para o público infantil, como

por exemplo, adaptações de contos de fadas e histórias inéditas. Na maioria dos casos os livros vêm acompanhados de DVDs, para que a criança possa acompanhar a história em sua primeira língua, geralmente contada por um adulto surdo, além de alguns livros proporcionarem a versão na escrita de sinais.

Com a criança surda é importante que os pais participem também contando as histórias em Libras e auxiliando na leitura em português, pois nesse ponto a literatura ajuda muito visto que ela tende a acrescentar vocabulário para que a criança possa utilizar, tanto como sinais, como em palavras escritas.

METODOLOGIA: DESCRIÇÃO DAS ESCOLAS E PARTICIPANTES

A pesquisa constitui-se em um estudo do tipo quase experimental de cunho exploratório, utilizando dados quantitativos para analisar o processo de retenção de vocabulário na modalidade escrita em Português Brasileiro. Para Lakatos (2003) um estudo piloto é essencial para que o instrumento seja testado e analisado, para que todos as variáveis sejam vistas e ajustadas, conforme o instrumento, para que depois a aplicação tenha um melhor rendimento.

Este estudo piloto foi aplicado em duas escolas estaduais no Litoral Norte no Rio Grande do Sul. Ambas ofertam a classe especial, devido à pouca quantidade de alunos surdos, as salas são multisseriadas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O corpo docente é composto por professores ouvintes com conhecimento em Libras.

Para a aplicação da pesquisa, foram recrutados somente alunos surdos estudantes do 3º e 5º ano do ensino fundamental, todos alfabetizados, filhos de pais ouvintes e que são usuários da Libras na escola. Sendo um total de 4 alunos, conforme a tabela 1 de descrição de participantes.

Tabela 1: Descrição dos participantes

Participante	A1	A2	A3	A4
Sexo:	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino
Oralidade:	Não	Não	Não	Sim
Libras:	Fluente	Fluente	Fluente	Fluente

Outra deficiência:	Não	Sim (laudo de esquizofrenia)	Não	Não
Idade que aprendeu Libras:	6 anos	6 anos	2 anos	6 anos
Idade atual:	9 anos	9 anos	9 anos	14 anos
Série/ano:	4º ano	4º ano	3º ano	5º ano

Fonte: Elaborado pelos autores(2021).

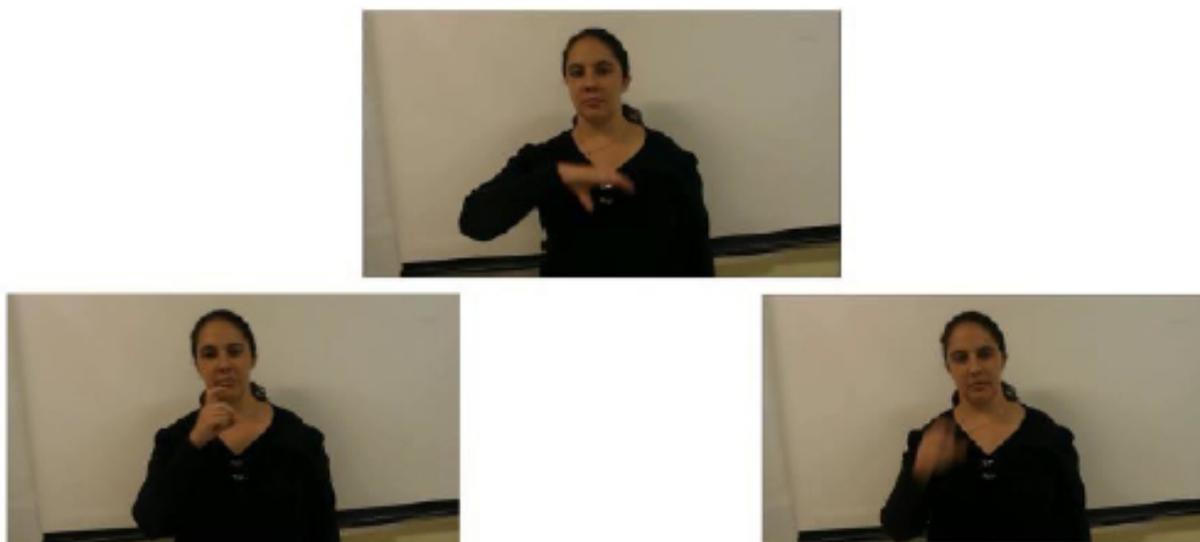
O INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para elaboração do instrumento de pesquisa, iniciou-se pela escolha de um livro de Literatura Surda que tivesse a versão escrita em Português Brasileiro e a versão em Libras (DVD). Dessa forma, foi escolhido o livro: “O feijãozinho surdo”, da autora Liège Gemelli Kuchenbecker, publicado em 2009, com 32 páginas. É válido destacar que o livro apresenta a versão em Escrita de Sinais e a versão em Libras (DVD) cuja a história é narrada em Libras por uma professora surda, Erika Vanessa de Lima Silva, que utiliza a variação linguística da Libras do Rio Grande do Sul.

Para a elaboração do instrumento, optou-se por elaborar um jogo no PowerPoint (versão 2010 da Microsoft), sendo um instrumento com interface de jogo, o participante deve ler a palavra escrita em Português Brasileiro e após escolhe o sinal correto que é apresentado através de vídeos em formato de *gifs*. A imagem 1 apresenta o slide com 3 sinais e a palavra PAI em Português Brasileiro, sendo que o participante deve clicar no sinal correspondente.

IMAGEM 1: ilustração da tela do instrumento de pesquisa – Jogo de Power Point

PAI



Power Point

Fonte: Elaborado pelos autores(2021).

Para a elaboração do jogo/instrumento de coleta, foi necessário realizar uma seleção de palavras e sinais, primeiramente sendo realizado uma escolha de sinais do livro Feijãozinho Surdo, em DVD em Libras. Assim selecionando sinais que reconhecíamos como variação regional do nosso estado.

Além disso, foi criada uma primeira tabela de 22 sinais (palavra alvo), e para estabelecer a variável confundidora, organizou-se uma segunda lista com 22 sinais (palavra semelhante) que obtivesse semelhança em um parâmetro fonológico da Língua de Sinais, podendo ser tanto a configuração de mão ou locação. E por fim, foram selecionadas 22 palavras que tenham semelhança no fonema em Português Brasileiro com a palavra alvo.

Totalizando 66 sinais/palavras (Tabela 2), sendo um jogo bilíngue Português Brasileiro/Libras, com cuidado de não repetir palavras/sinais. Com duas versões do jogo/instrumento garantiu-se que o mesmo ficasse randomizando na sua apresentação/aplicação, evitando-se que a ordem de apresentação prejudique o resultado do instrumento. E por fim, para garantir que os sinais fossem utilizados na

região da aplicação da pesquisa, eles foram previamente apresentados para surdos usuários de Libras, assim evitando uma apresentação errônea ou não utilizada na região.

TABELA 2: Lista de palavras utilizadas no jogo de Libras.

N°	PALAVRA ALVO	PALAVRA SEMELHANTE	PALAVRA DISTRATORA
1	PAI	VERDE	PORTUGUÊS
2	MÃE	AMARELO	MESA
3	FEIJÃO	LENTILHA	CADEIRA
4	FILHO	NÃO GOSTAR	COMPUTADOR
5	ESCOLA	IGREJA	COPO
6	PROFESSOR	PADRE	LINDO
7	INTERPRETE	PEDIR	CARRO
8	CASAR	CANTAR	ABACATE
9	CONVERSAR	CADERNO	BRANCO
10	DIFERENTE	ESPERANÇA	CAIXA
11	TCHAU	MAIS	CHIMARRÃO
12	OBRIGADO	ACREDITAR	CASA
13	APRENDER	SÁBADO	AZUL
14	SURDO	TODO O DIA	VASSOURA
15	FIM	FELIZ	LIVRO
16	OUVINTE	LEITE	BLUSA
17	LÍNGUA	TRABALHAR	BEBER
18	SOZINHO	EU	ESCREVER
19	VER	DOIS	DORMIR
20	ADMIRAR	CONHECER	COMER
21	VERDADE	VER	LOJA
22	NAMORAR	CONTATO	CINZA

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Para a próxima fase de elaboração do jogo/instrumento foi realizado um teste para verificar a funcionalidade do instrumento e se as versões randomizadas estavam com mesma dinâmica e alinhadas.

PROTOCOLO DE APLICAÇÃO

Para a aplicação da pesquisa necessitou-se da união entre docentes e os pesquisadores. A primeira combinação é com a docente titular da turma, que apresentou e utilizou em sua aula o livro *Feijãozinho Surdo* (2009) da autora Liége Gemelli Kuchenbecker; utilizando como recurso o DVD com a versão traduzida para Libras pela surda Erika Vanessa de Lima Silva e o livro. Enquanto isso foi enviado aos pais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a participação da criança surda na pesquisa.

Dessa forma, no turno inverso, no horário de atendimento ao discente foi aplicado o jogo/instrumento na sala de informática, seguindo um protocolo de aplicação padrão, que seguiu: (I) o discente chega na sala e entrega o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais; (II) responde ao questionário aplicado em Libras pelos pesquisadores referente a informações sobre o acesso dos alunos aos livros como se os pais liam junto as histórias para as crianças em casa. Destaca-se que cada discente era identificado com um número aleatório e a série que pertencia; (III) aplicou-se o jogo/instrumento de forma individual na própria sala de AEE, sendo que a escola nos disponibilizou computador com o aplicativo PowerPoint para que o jogo fosse executado.

Na aplicação do jogo/instrumento foi feita a orientação de como funcionava o jogo em Libras, sinalizado pelos pesquisadores. Nesse momento também poderia-se ser tirada dúvidas antes de iniciar, sendo que o discente faz um treino com a primeira palavra, para verificar a compreensão e dinâmica do jogo. Enquanto o aluno jogava, as anotações eram manuais, dessa forma registrando os resultados na planilha, na finalização era apresentado a lista de sinais em Libras, verificando se todos os sinais utilizados eram de seu vocabulário, se conheciam o sinal, para garantir que a variação linguística tinha sido controlada de fato.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para chegar aos resultados deste estudo piloto, os participantes foram apresentados a um jogo de tradução, ou seja, essa dinâmica buscou criar uma

atividade lúdica para conseguir obter dados linguísticos através da leitura do Português Brasileiro na modalidade escrita. Novamente, destacamos que por ser um estudo piloto, as informações são iniciais, portanto o objetivo principal é mostrar o papel da literatura surda no processo de aquisição do vocabulário em Libras e em Português brasileiro na modalidade escrita, tendo como objetivos específicos: (I) verificar a influência da Literatura Surda no processo de registro escrito da língua portuguesa; (II) identificar qual a relação das modalidades de registro das línguas que podem interferir no reconhecimento da palavra escrita em Português Brasileiro.

DISCUTINDO OS RESULTADOS

Ao iniciar a análise dos resultados de forma global, destaco que a aplicação do instrumento considerou a variação linguística, sendo realizado após cada aplicação um *briefing*, portanto, localizando a familiaridade do participante com o vocabulário apresentado. Além do procedimento citado, o instrumento era randomizado, evitando o efeito de ordem, ou seja, que a mesma lista de palavras fosse apresentada em mesma ordem.

TABELA 3: Dados coletados com o Jogo/Instrumento

Informações Participantes	Série/ ano Atual	Idade Atual	Idade inicial de contato com a Libras	Tempo de contato com a Libras	Tentativa 1	Tentativa 2	Tentativa 3
A1	4º ano	9	6 anos	3 anos	13 erros	2 erros	0 erros
A2	4º ano	9	6 anos	3 anos	14 erros	3 erros	0 erros
A3	3º ano	9	2 anos	7 anos	5 erros	3 erros	0 erros
A4	5º ano	14	6 anos	8 anos	3 erros	0 erros	0 erros

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Numa primeira análise, os participantes A1 e A2, obtiveram um menor desempenho relacionando com os participantes A3 e A4. Não por desconhecerem os sinais, sendo erros motivados pelo compartilhamento de um parâmetro fonológico da Libras entre dois sinais. Em outras palavras, quando um sinal compartilhava, por exemplo, a mesma configuração de mão, causou um efeito confundidor, ou seja, os alunos ainda estão em processo de aquisição da língua de sinais.

Outro ponto dessa análise geral é a idade inicial de contato com a Libras e o tempo de uso, que resultou uma diferença significativa entre o participante A1 com 59% ($n=13$) de erros e o A4 com 13% ($n=3$) de erros. Cabe destacar que os estudantes A1 e A4 são de idades diferentes, escolas/cidades distintas, série/ano escolar dispares, mas que evidência a importância do uso da Língua de Sinais. E se olharmos para o estudante A3 que teve 22% ($n=5$) de erros e comparamos com o A4, reforça a importância da criança surda ter acesso a Libras na primeira infância.

Vejamos, A3 e A4 são de mesma escola, mesma sala de aula multisseriada, usam Língua de Sinais (A3 utiliza Libras há 7 anos e o A4 utiliza Libras há 8 anos), mesmo o A4 tendo a oralidade como recurso de apoio comunicacional, o A3 teve contato com a Libras antes do período escolar (pais são ouvintes e optaram por aprender e ensinar Libras ao filho com dois anos), ou seja, acumulou conhecimento de língua para o período escolar. Diferente do A4 que em seu uso de Libras foi somente no período escolar, aprendendo Língua de Sinais tardiamente. Portanto, o A3 estando no 3º ano, apresenta um menor número de erros, comparado com o A4 que encontra-se no 5ª ano, que demonstra a importância da Libras na primeira infância.

QUANTIDADE DE ERROS

Para a análise, optou-se por verificar os erros visto que os mesmos podem fomentar discussões a partir de um índice a melhorar ou que deva ter uma atenção maior sobre as línguas do sujeito bilíngue.

TABELA 4: Motivos de erros

Palavras/Sinais	Tentativa 1	Tentativa 2	Tentativa 3	Libras	Português Brasileiro
Admirar	4 ERROS	2 ERROS	0 ERROS	Configuração de mãos	
Intérprete	3 ERROS	2 ERROS	0 ERROS	Configuração de mãos	
Língua	3 ERROS	1 ERRO		Configuração de mãos	
Fim	3 ERROS			Configuração de mãos	

Fonte: Elaborado pelos autores(2021).

Por ser um experimento piloto, acreditou-se que o motivador de erros poderia ser tanto vindo de questões de fonemas em Português Brasileiro, por exemplo, a primeira letra da palavra escrita com a primeira letra da palavra distratora (que foi apresentada em Libras). Mas no entanto, percebe-se que os erros foram sempre com a primeira língua da criança, ou seja, é a língua que mais se identifica e a que usa para resolver as questões de leitura.

As quatro palavras alvos mais erradas entre todos os participantes foram: ADMIRAR, INTÉRPRETE, LÍNGUA E FIM. Todas sendo de erros propiciados pelo parâmetro fonológico: Configuração de Mãos. Ou seja, quando o participante lia a palavra escrita em Português Brasileiro, buscou o significado em Libras, por consequência ativando mais a Libras do que a segunda língua. Assim o erro ficou em Libras, sendo a configuração de mão o item do léxico que proporcionou erro na escolha da alternativa tradutória da palavra alvo. Para ilustrar as análises e questões de fonologia do instrumento, segue a Tabela 5.

TABELA 5: Exemplo de sinais a partir da Tabela 2.

PALAVRA ALVO	PALAVRA SEMELHANTE	PALAVRA DISTRATORA	EM LIBRAS COMPARTILHA:	EM PORTUGUÊS COMPARTILHA:
 <p>(FADERS, 2010, p.72) PAI</p>	 <p>(FADERS, 2010, p.101) VERDE</p>	 <p>(FADERS, 2010, p.75) PORTUGUÊS</p>	<p>Configuração de mão</p>	<p>Fonema: P</p>
 <p>(FADERS, 2010, p.60) MÃE</p>	 <p>(FADERS, 2010, p.10) AMARELO</p>	 <p>(FADERS, 2010, p.63) MESA</p>	<p>Configuração de mão e Locação</p>	<p>Fonema: M</p>

Fonte: Elaborado pelos autores(2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo piloto oportunizou discutir a importância da Língua Brasileira de Sinais na vida escolar da pessoa surda, seja no ensino comum, no AEE ou fora do espaço formal de educação. Mesmo sendo uma amostra não significativa para fins estatísticos, o instrumento demonstrou ser eficaz para coletar dados linguísticos, sendo um instrumento que relaciona a Literatura Surda com a aquisição da escrita e verifica a retenção de palavras através da percepção de leitura.

Os dados iniciais desse estudo apontam para a relevância do processo de aquisição da primeira língua ocorrer na primeira infância, demonstrando que usar Língua de Sinais antes de ingressar no espaço escolar pode ser um fator marcante

para o procedimento de ensino- aprendizagem.

O estudo apresentou limitações em virtude do tamanho da amostra, dessa forma os dados indicam algumas possibilidades sem ser significativo em nível estatístico. E para os desdobramentos de pesquisas sugere-se a construção de uma versão que inverta o sentido, posi na atual usou-se da leitura e tradução da palavra, da segunda língua para a primeira língua. A proposta pode ser da primeira língua para a segunda, sendo assim o participante verá o sinal e terá que escrever, sendo avaliado por produção e não percepção.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação de surdos. Ideologias e práticas pedagógicas**, 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL. 10.436, de 24 de Abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providencias.**

BRASIL. Decreto nº. 5626. **Regulamenta a Lei nº. 10436, de 24 de abril de 2002, e o artigo 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Brasília: SEESP/MEC, 2005.

BRASIL. Resolução nº4 de 2 de outubro de 2009. **Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.**

BRASIL. Decreto nº. 7611. **Educação especial e o atendimento educacional especializado**. Brasília: SEESP/MEC, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm . Acesso em 17 de julho de 2016

CARVALHO, B.V. de. **A Literatura Infantil. Visão histórica e crítica**. São Paulo: Global, 1985.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes, **Literatura Infantil, Teoria e prática**. São Paulo Atica 1999

DAMÁZIO, Mirlene F. M., ALVES, Carla B. e FERREIRA, Josimário de P. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar : abordagem bilíngue na**

escolarização de pessoas com surdez. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

FADERS, Fundação De Articulação E Desenvolvimento De Políticas Públicas Para Pessoas Com Deficiência E Altas Habilidades No Rio Grande Do Sul . **Mini Dicionário.** Serviço de Assistências Técnicas: Porto Alegre, 2010.

FELIPE, T. A. **Introdução à Gramática de Libras.** Rio de Janeiro, 1997

FERREIRA BRITO. L. **Classificadores em LSCB. Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL,** Recife, pp 640-654, 1989.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? Crença e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editora, 2009.

GOLDFELD, M. **A criança surda.** São Paulo: Pexus, 1997

KARNOPP L., KLEIN M., LAZZARIN M.L.L., **Produção, circulação e consumo da cultura surda** IN KARNOPP L., KLEIN M., LAZZARIN M.L.L **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrencias e provocações.** Porto Alegre, editora Ulbra 2011

LAKATOS, Eva Maria MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5° ed São Paulo 2003

PADILHA, Anna Maria Lunardi, **Desafio para a formação de professores: alunos surdos e ouvintes na mesma sala de aula?** IN LODI, Ana Claudia Baliero, LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de, **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização.** Porto Alegre, Mediação 2009.

PASQUALI, Luiz. **Psicometria. Rev. esc. enferm. USP vol.43. São Paulo Dec. 2009.** Acessado em: 14/02/2021 - <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000500002>

QUADROS, R. M. de. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição.** Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. (1995)